

# MUSICOTERAPIA NA DOENÇA DE ALZHEIMER: VIVÊNCIAS DE UM GRUPO DE MUSICOTERAPEUTAS MORADORES NA CIDADE DE SÃO PAULO

Maria Elisa Gonzalez Manso <sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

No Brasil, o número de pessoas idosas vem aumentando junto com a prevalência dos transtornos cognitivos maiores, que, estima-se, dobra a cada 5 anos a partir dos 60 anos de idade (LOPES et al., 2020).

Dentre estes transtornos, a Doença de Alzheimer (DA) é uma doença neurodegenerativa progressiva, que acarreta perda de memória e declínio das funções cognitivas, prejudicando atividades diárias da vida do paciente e deixando-o inapto para a realização de funções fundamentais. Ademais, afeta o comportamento do paciente, deixando-o mais depressivo e ansioso, mantendo um padrão de agitação e agressão, que compromete o bem-estar destes (ORTÍ et al., 2018).

Dentre os três estágios da enfermidade (leve, moderado e avançado) é evidenciado o declínio progressivo das capacidades intelectuais, tais como: o comprometimento da memória recente, dificuldades em encontrar palavras, impasse em manter a atenção, a associação e orientação, principalmente espacial e prejuízo secundário de humor e qualidade de vida. Ocorre ainda lentificação do pensamento e da competência de executar tarefas econômicas e sociais (GIOVAGNOLI et al., 2017).

## REFERENCIAL TEÓRICO

O uso do tratamento farmacológico na DA apenas controla sintomas por curto período, daí a utilização adjuvante de tratamentos não farmacológicos ser frequente. Estes últimos são capazes de produzir resultados positivos e por isso são de extrema relevância. Dentre as terapias alternativas adjuvantes que auxiliam o tratamento farmacológico da pessoa com DA, tem-se a musicoterapia, que auxilia, principalmente, nos sintomas comportamentais associados à doença ((MCCREEDY et al., 2019; LYU et al., 2018).

O musicoterapeuta é profissional de nível superior ou especialização, com formação reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura e com registro em seu órgão de

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de **XXXXXX** da Universidade Federal - UF, [autorprincipal@email.com](mailto:autorprincipal@email.com);

representação de categoria. O profissional está apto a estabelecer um plano de cuidado baseado em avaliações específicas que contemplam a musicalidade e necessidades de cada pessoa ou grupo. Sua ação auxilia na criação de vínculos com os enfermos, o que facilita o processo musicoterápico, que deve atender as premissas de promoção da saúde, da aprendizagem, da reabilitação, da mudança de contextos sociais e da qualidade de vida das pessoas atendidas (UBAM, 2018).

A musicoterapia é utilizada para a melhora de alterações cognitivas, psicológicas e comportamentais, sendo definida como uma terapia auto expressiva, que incentiva o potencial criativo e amplia a aptidão comunicativa, mobilizando aspectos biológicos, psicológicos e culturais do indivíduo. Nesse tipo de terapia, recorre-se a música como principal ferramenta de trabalho, já que é capaz de estimular regiões do cérebro que são comprometidas por essa doença. No trabalho com pessoas idosas, ocorre por meio de atividades musicais que promovem o resgate da memória autobiográfica, das lembranças dos fatos e vivências destes, sendo reconhecida por reduzir a apatia, ansiedade, depressão e agitação em pacientes com DA (ANASTACIO, AMOROSO, 2019).

A música pode modular e impactar o sistema nervoso e pode ter efeitos diversos, a curto e longo prazo, nos pacientes com DA. Além disso, foi notado que se colocadas músicas que os pacientes apreciam e que remetem aos seus momentos passados, pode melhorar a capacidade da memória autobiográfica, mostrando também alívio em quadros de depressão e ansiedade (LEGGIERI et al., 2019).

## **METODOLOGIA**

Pesquisa qualitativa exploratória, realizada com musicoterapeutas, todos com idade acima de 18 anos, moradores na cidade de São Paulo, no segundo semestre de 2022. O instrumento de coleta de dados foi um roteiro semiestruturado elaborado pela própria pesquisadora, em um formulário Google Forms®. Para a coleta utilizou-se a técnica *snowball*, tendo a pesquisadora localizado um grupo de rede social formado por musicoterapeutas.

Os participantes foram comunicados sobre a finalidade da pesquisa e convidados a contribuir voluntariamente com o estudo após leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Somente após concordância, o formulário foi disponibilizado. As respostas foram analisadas pela pesquisadora.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, parecer nº 4.998.896.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Responderam ao roteiro 19 musicoterapeutas, com idades que variaram entre 23 e 74 anos, mediana de 47 anos. Destes, 14 eram mulheres e cinco homens, sendo que 16 se declararam brancos, dois pardos e um preto.

Quanto à escolaridade, todos tinham ensino superior completo. Onze respondentes referiram ser bacharéis em musicoterapia, com especialização na área, sendo que dois ainda tinham doutorado e quatro mestrado. Dos demais, apesar de outras formações como música e psicologia, oito tinham especialização em musicoterapia e seis citaram ter feito pós-graduação na, portanto todos tinham formação para exercer a musicoterapia, a qual exerciam como autônomos, preferencialmente em domicílio, mas também em instituições de longa permanência (ILPI).

A média de anos de formado foi de 11,5 anos, mediana de oito anos (mínimo de um ano a máximo de 37 anos de formação). Todos começaram a exercer a profissão logo após formados e continuam exercendo até o momento.

Quanto ao estilo musical que mais utilizam com as pessoas idosas, todos referem que varia muito da pessoa atendida e que não utilizam apenas um estilo com cada pessoa. Assim, a maioria refere usar música popular brasileira, tal como sertanejo antigo, canção popular, marchinhas de Carnaval, baião, samba, mas a escolha depende das preferências do paciente, podendo haver outros estilos como rock ou pop.

Todos atendem pacientes acima de 70 anos ou mais, sem limite de idade. Ainda quanto aos pacientes, 17 musicoterapeutas referiram atender pessoas com DA leve e 13 com moderada, havendo mais de uma resposta por participante da pesquisa. Somente dois refeririam atender pessoas com doença avançada.

A maioria destes respondentes trabalham isoladamente em domicílio com as pessoas idosas, em sessões individuais. A média de encontros variou entre uma e duas vezes por semana, com sessões de 40 minutos. Mas, todos ressaltam que o trabalho deles depende, fora das residências, das regras das ILPI, as quais preferem que se façam trabalhos grupais.

A maioria destes respondentes vê diferenças entre o trabalho grupal e individual em pessoas com DA, preferindo o trabalho individual por trazer resultados mais rápidos. Para os que também trabalham em grupo, a vantagem do grupo é quanto à interação e integração entre as pessoas idosas.

Todos referem que percebem como benefícios para as pessoas que atendem melhora da memória afetiva e autoestima, expressão facial, organização das memórias, redução do estresse

e ansiedade, melhora do convívio social e socialização, organização emocional, melhora da interação com outras pessoas e redução dos sintomas neuropsiquiátricos, tais como agressividade e agitação.

Quatro citaram que quando colocam músicas aleatórias ou quando a pessoa idosa não conhece a música, não notam tanta diferença nos sintomas como quando trabalham com músicas que importam e são conhecidas dos pacientes.

Todos os musicoterapeutas participantes ressaltam a necessidade de um bom planejamento e de entender os diferentes estilos musicais que podem resgatar memórias. Portanto, destacam que deve ser feito um trabalho sério, planejado e organizado para que haja resposta. Estes são fatores cruciais para alcançar resultados. Todos ainda referem que logo na primeira sessão já percebem mudanças nas pessoas que atendem, mas os benefícios surgem quanto maior o número de sessões. Têm como média empírica que na sexta sessão, e a partir desta, que os benefícios ficam claros.

Um bom vínculo estabelecido com o paciente é importante para que se alcance os melhores resultados, segundo estes musicoterapeutas, e este também influencia o tempo de resposta.

Para estes musicoterapeutas, com um bom planejamento e adequada formação, é possível a participação do paciente, independentemente do grau de DA. São usadas técnicas de corporeidade além da musicalidade, portanto não há passividade da pessoa idosa, a qual participa ativamente das sessões.

Inicialmente se comenta sobre o grupo de musicoterapeutas aqui descrito. Devido à forma como a pesquisa foi realizada, nota-se um nicho de respondentes, que têm formação diferenciada e trabalham predominantemente em domicílio, o que deve ser considerado quando da análise dos dados obtidos.

O vínculo, a individualização do tratamento, o planejamento e organização, além da utilização de técnicas específicas, são ressaltados por eles como sendo responsáveis pelos resultados alcançados, os quais se tornam evidentes a partir da sexta sessão em média.

Há poucos estudos sobre a musicoterapia na visão do musicoterapeuta, mas a literatura ressalta que o uso da musicoterapia auxilia no manejo em pacientes institucionalizados com DA, principalmente quando a intervenção inclui música individualizada e familiar, relacionado a lembranças de experiências pessoais e é realizada de forma interativa, incluindo palmas, cantos e danças (Lopes et al., 2020). Estes aspectos são ressaltados pelos musicoterapeutas entrevistados.

Evidencia-se que, apesar de existirem análises cientificamente comprovadas sobre a ação da música nos sistemas límbico e paralímbico do cérebro (ANASTACIO, AMOROSO, 2019), não há metodologias padronizadas para avaliar a eficácia da musicoterapia em pacientes com DA. Funcionários que conviveram com pessoas submetidas a musicoterapia relataram perceber alterações positivas em relação ao comportamento desses pacientes durante as sessões, tais como: aumento de contato visual, expressões faciais e alterações positivas de humor que remetem a uma melhoria nas relações interpessoais (LOPES et al., 2018). Estes são benefícios citados e vivenciados pelos musicoterapeutas entrevistados, desde que utilizadas técnicas adequadas e, principalmente, quando há particularização da intervenção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura ressalta que a musicoterapia é relevante como um tratamento de baixo custo, que altera positivamente o humor, agitação e ansiedade, melhorando as relações interpessoais dos pacientes com sintomas de DA praticantes dessa terapia. No entanto, as pesquisas realizadas sobre os efeitos da musicoterapia ainda são poucas, principalmente no que tange à percepção dos musicoterapeutas. Dessa forma, estudos sobre a temática se tornam necessários para melhor avaliar os benefícios e a aplicação desta forma terapêutica não medicamentosa.

**Palavras-chave:** Doença de Alzheimer, Musicoterapia, Memória, Vínculo, Transtornos psicóticos de humor.

## REFERÊNCIAS

- ANASTACIO, Junior; AMOROSO, Mauro Pereira. Musicoterapia e doença de Alzheimer: um estudo com cônjuges e cuidadores. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP**. São Paulo. Maio, 2019.
- GIOVAGNOLI, A.R.; MANFREDI, V.; PARENTE, A.; SCHIFANO, L.; OLIVERI, S.; AVANZINI, G. Treinamento cognitivo na doença de Alzheimer: um estudo randomizado controlado. **Neurol Sci** 38, 1485–1493, jun. 2017.
- LOPES, Gabriella Katherine et al. Capacidade Funcional do Idoso com demência de Alzheimer: O Papel da Musicoterapia, p. 56-64 in: **Anais do VII Congresso Médico Universitário São Camilo** São Paulo: Blucher, 2020. DOI 10.5151/comsuc2019-05.
- LYU, Jihui et al. The Effects of Music Therapy on Cognition, Psychiatric Symptoms, and Activities of Daily Living in Patients with Alzheimer's Disease. **J Alzheimer's Dis**, Pequim, China, v. 64, n. 4, p. 1-12, 24 jul. 2018.



MCCREEDY, Elle M. et al. Medindo os efeitos das intervenções não medicamentosas nos comportamentos: estudo piloto de música e memória. **J Am Geriatr Soc** 67:2134–2138, jul. 2019.

ORTÍ, José Enrique de la Rubia et al. Does Music Therapy Improve Anxiety and Depression in Alzheimer's Patients? **J. Altern Complement Med** 24, no 1, jan. 2018.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA (Brasil). Definição Brasileira de Musicoterapia. **UBAM**, dez. 2018.